



COMUNIDADE EM MOVIMENTO

BOLETIM INFORMATIVO DA PARÓQUIA DE SANTO ANTÓNIO DOS CAVALEIROS

Director: Pe. Fr. Agostinho Marques de Castro, O. Carm. Ano XVII - III Série N.º 170 - Maio 2016

RENOVAÇÃO DA CONSAGRAÇÃO DAS DIOCESES DE PORTUGAL A NOSSA SENHORA

NO DIA 13 DE MAIO DE 2016, EM FÁTIMA, OS BISPOS PORTUGUESES, NA PESSOA DO CARDEAL PATRIARCA D. MANUEL CLEMENTE, PRESIDENTE DA CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, CONSAGRARAM AS DIOCESE DE PORTUGAL A NOSSA SENHORA. PARTILHEMOS E RENOVEMOS ESSA CONSAGRAÇÃO, REZANDO E MEDITANDO NESSA ORAÇÃO DE CONSAGRAÇÃO

Senhora do Rosário de Fátima, na vossa imagem visitastes cada uma das dioceses de Portugal, chamando-nos à oração, à conversão e à confiança, e permitindo-nos contemplar em vós a presença amorosa de Deus que vem ao nosso encontro.

Mãe de misericórdia, Senhora do Rosário de Fátima na vossa vida vemos a contínua presença da misericórdia feita carne, Jesus Cristo, Nosso Senhor.

Aqui, em Fátima, destes a conhecer o vosso Imaculado Coração, ícone da misericórdia divina, e lugar íntimo onde guardáveis e conserváveis todos os mistérios da vida de Jesus: dorido com a dor dos filhos, ele vem em auxílio daqueles que correm o perigo de cair no abismo; revestido da luz de Cristo, ele é refúgio nas dificuldades e caminho capaz de nos conduzir até Deus.

Animados pela vossa promessa, queremos hoje renovar, diante da vossa imagem, a consagração das nossas dioceses ao vosso Coração Imaculado, tal como o fizeram, pela primeira vez há 85 anos, neste mesmo dia, os bispos portugueses.

“À vossa proteção nos acolhemos, Santa Mãe de Deus”, e vos consagramos as nossas dioceses e o nosso país, que ao longo dos séculos tem sentido a vossa presença protetora.

Mãe de bondade, Senhora do Rosário de Fátima, fazei que as nossas comunidades aprendam do vosso Imaculado Coração a escutar e a conservar a Palavra divina; fazei que as nossas comunidades dele aprendam as verdades eternas e a arte de

orar, crer e amar; fazei que as nossas comunidades saibam dar testemunho da fé e da esperança que as anima, e se comprometam com a transformação do mundo que habitam e que são chamadas a cuidar.

Protegei com a vossa solicitude maternal a entrega de vida dos bispos, presbíteros, diáconos e consagrados das nossas dioceses, para que se possa realizar em cada um a vontade do Pai e possam ser, no Espírito Santo, um louvor da Sua glória, e um testemunho da Sua misericórdia.

Guardai com a vossa proteção as famílias, sede para elas caminho para Deus, ânimo nas provações e auxílio nas dificuldades.

Intercedei junto do vosso Filho para que derrame a luz e a sabedoria do Espírito Santo sobre os que governam o nosso país, para que promovam a dignidade humana, edifiquem uma sociedade justa e solidária, construam a paz e protejam a vida.

Acompanhai com a doçura do vosso olhar materno os mais frágeis da nossa sociedade: as crianças, adolescentes e jovens; os idosos, os doentes e todos os que estão dependentes; os pobres e excluídos; as vítimas de todas as formas de violência.

A todos acolhei, guardai, consolai e abençoai.

Mãe da Igreja, Senhora do Rosário de Fátima, aceitai a nossa consagração para sermos cada vez mais fieis à condição de filhos de Deus: vivificai a nossa fé; amparai a nossa esperança; animai a nossa caridade; dai força a todo o desejo de bem; e guiai-nos no caminho da santidade.

Bem-Aventurada Virgem Maria, Senhora do Rosário de Fátima, Mãe de misericórdia, Mãe de bondade e Mãe da Igreja, Senhora do Coração Imaculado, renovai a nossa disponibilidade para acolher os apelos da Mensagem de Cristo que há quase 100 anos aqui proclamastes.

COMUNICAÇÃO DO CARDEAL PATRIARCA DE LISBOA D. MANUEL CLEMENTE SOBRE A EXORTAÇÃO APOSTÓLICA *AMORIS LAETITIA* DO PAPA FRANCISCO

Do muito que a presente exortação refere, sublinho apenas quatro pontos: **1)** a análise da situação; **2)** a pastoral do vínculo; **3)** o sujeito principal da pastoral familiar; **4)** a lógica da integração. Vários outros merecem ser ponderados, como o que se refere à vida e à fecundidade, o direito inquestionável dos pais no respeitante à educação dos filhos, o diálogo e acompanhamento intergeracional, a pedagogia sacramental do matrimónio, etc.

«O caminho sinodal permitiu analisar a situação das famílias no mundo atual, alargar a nossa perspetiva e reavivar a nossa consciência sobre a importância do matrimónio e da família» (AL, 2). Com estas três notas, o Papa Francisco caracteriza a reflexão eclesial entretanto feita: analisar a situação, alargar a perspetiva e reavivar a consciência. E assim realmente aconteceu, pois foram muitos os contributos de testemunho e análise para melhor compreendermos o que se passa, várias as perspetivas geográficas e culturais que se interligaram e reforçada saiu a consciência eclesial sobre a importância decisiva da nossa primeira e indispensável agregação social e eclesial – precisamente a família.

Este mesmo conjunto de perspetivas e análises requereu, de uma para outra assembleia sinodal, o maior aprofundamento das questões e das soluções, como é próprio da tradição viva em que a Igreja lê evangelicamente os sinais dos tempos e lhes procura corresponder, tão idêntica como atualmente. Identidade e atualidade que, conjugadas, evitarão os dois escolhos da descaracterização ou do passadismo (cf. *Ibidem*).

A leitura dos sinais só biblicamente pode ser feita. Os relatórios das duas assembleias e a própria exortação apostólica dão-nos conta disto mesmo, sobretudo ao sublinhar o carácter existencial da revelação, que inclui a família, o seu valor, o seu drama e redenção. Na verdade, *«a Palavra de Deus não se apresenta como uma sequência de teses abstratas, mas como uma companheira de viagem, mesmo para as famílias que estão em crise ou imersas nalguma tribulação, mostrando-lhes a meta do caminho, quando Deus “enxugar todas as lágrimas dos seus olhos, e não houver mais morte, nem luto, nem pranto, nem dor” (Ap 21, 4)»* (AL, 22). As meditações bíblicas presentes na exortação apostólica constituem um notável contributo para a catequese e a pastoral familiar, como havemos de aproveitar.

«Ninguém pode pensar que o enfraquecimento da família como sociedade natural fundada no matrimónio seja algo que beneficia a sociedade» (AL, 52). Creio ser esta a grande preocupação do Papa

Francisco e mesmo a razão principal que o levou a convocar as assembleias sinodais que estão na base da presente exortação apostólica. Está convicto de que *«nenhuma união precária ou fechada à transmissão da vida garante o futuro da sociedade»* (*ibidem*).

Encontra no próprio amor humano, quando autêntico, o sinal e o apelo da respetiva perenidade, como escreve mais adiante: *«Sejamos sinceros na leitura dos sinais da realidade: quem está enamorado não projeta que essa relação possa ser apenas por um certo tempo; [...] os filhos querem não só que os seus pais se amem, mas também sejam fiéis e permaneçam sempre juntos. Estes e outros sinais mostram que, na própria natureza do amor conjugal, existe a abertura ao definitivo»* (AL, 123).

Daquela preparação e o acompanhamento do matrimónio devem revelar a sua coincidência com o que há de mais profundo em quem ama e vai amando, sem ilusão nem desistência: *«Tanto a preparação próxima como o acompanhamento mais prolongado devem procurar que os noivos não considerem o matrimónio como o fim do caminho, mas o assumam como uma vocação que os lança para diante, com a decisão firme e realista de atravessarem juntos todas as provações e momentos difíceis»* (AL, 211).

Nesta ordem de ideias, o Papa Francisco escreve mesmo que o “vínculo” caracteriza tanto a pastoral como a espiritualidade do matrimónio: *«Tanto a pastoral pré-matrimonial como a matrimonial devem ser, antes de mais nada, uma pastoral do vínculo, na qual se ofereçam elementos que ajudem quer a amadurecer o amor quer a superar os momentos duros»* (AL, 211). E no final da exortação: *«Em suma, a espiritualidade matrimonial é uma espiritualidade do vínculo habitado pelo amor divino»* (AL, 315).

«A Igreja é família de famílias, constantemente enriquecida pela vida de todas as Igrejas domésticas. Assim, “em virtude do sacramento do Matrimónio, cada família torna-se, para todos os efeitos, um bem para a Igreja” (Relatio Finalis 2015, 52)» (AL, 87). Esta afirmação deverá obter grande consequência na vida das nossas comunidades, paroquiais e outras. Significa, por exemplo, que antes de contar os fiéis presentes e ausentes, habituais

ou ocasionais, devemos perguntar-nos pelas realidades familiares que constituem a rede e o suporte da nossa vida comunitária. Se a Igreja se alarga na familiaridade geral de todos os filhos de Deus, a vida familiar oferece à comunidade cristã a solidariedade básica da casa de cada um. Daqui a conclusão e a mútua responsabilidade: *«a Igreja é um bem para a família, a família é um bem para a Igreja. A salvaguarda deste dom sacramental do Senhor compete não só à família individual, mas a toda a comunidade cristã»* (ibidem).

A experiência atual de milhares de famílias em missão, demonstrando na prática a potencialidade do sacramento que as origina, é deveras convincente e criativa, em termos de evangelização e nova evangelização, longe ou perto, indo a outro continente ou a outro andar do mesmo prédio em que habitam: *«Com o testemunho e, também, com a palavra, as famílias falam de Jesus aos outros, transmitem a fé, despertam o desejo de Deus e mostram a beleza do Evangelho e do estilo de vida que nos propõe. Assim os esposos cristãos pintam o cinzento do espaço público, colorindo-o de fraternidade, sensibilidade social, defesa das pessoas frágeis, fé luminosa, esperança ativa. A*

sua fecundidade alarga-se, traduzindo-se em mil e uma maneiras de tornar o amor de Deus presente na sociedade» (AL, 184).

E tão relevante se torna este facto, que as famílias tomam a primazia pastoral no que lhes é próprio: *«Os Padres sinodais insistiram no facto de que as famílias cristãs são, pela graça do sacramento nupcial, os sujeitos principais da pastoral familiar, sobretudo oferecendo “o testemunho jubiloso dos cônjuges e das famílias, igrejas domésticas”* (Relatio Synodi 2014, 30)» (AL, 200).

No Sínodo foi também realçada a importância catequética da família, dos pais em relação aos filhos e não só: *«... a família deve continuar a ser lugar onde se ensina a perceber as razões e a beleza da fé, a rezar e a servir o próximo. [...] Por isso, “tenha-se o cuidado de valorizar os casais, as mães e os pais, como sujeitos ativos da catequese [...]”. De grande ajuda é a catequese familiar, enquanto método eficaz para formar os pais jovens e torná-los conscientes da sua missão como evangelizadores da sua própria família»* (Relatio Finalis 2015, 89)» (AL, 287).

(continua no suplemento)



CONTINUAÇÃO DA COMUNICAÇÃO DO CARDEAL PATRIARCA SOBRE A EXORTAÇÃO *AMORIS LAETITIA* DO PAPA FRANCISCO

«Acolho as considerações de muitos Padres sinodais que quiseram afirmar que “os batizados que se divorciaram e voltaram a casar civilmente devem ser mais integrados na comunidade cristã sob as diferentes formas possíveis, evitando toda a ocasião de escândalo” (*Relatio Finalis 2015, 84*)» (AL, 299). Como é sabido, este ponto teve referência prioritária nos media, como já a tivera antes e durante as assembleias sinodais.

Se tivermos bem presentes duas exortações apostólicas pós-sinodais anteriores – *Familiaris Consortio*, nº 84, de João Paulo II, e *Sacramentum Caritatis*, nº 29, de Bento XVI – nem esta nem outras afirmações decorrentes nos trazem novidade substancial: discernimento das situações e das responsabilidades, distinção entre objetivo e subjetivo, gradualidade, participação na vida comunitária, de tudo isto nos dão conta os textos dos Papas Wojtyła e Ratzinger. Entretanto, a integração de todos e tanto quanto possa ser é uma das insistências maiores do atual pontificado, em grande correspondência à misericórdia divina e aos dramas duma sociedade tão desintegrada como a atual. Daqui a insistência do Papa Francisco, em relação a estas situações: «*A lógica da integração é a chave do seu acompanhamento pastoral [...] São batizados, são irmãos e irmãs, o Espírito Santo derrama neles dons e carismas para o bem de todos. A sua participação pode exprimir-se em diferentes serviços eclesiais, sendo necessário, por isso, discernir quais as diferentes formas de exclusão atualmente praticadas em âmbito litúrgico, pastoral, educativo e institucional possam ser superadas*» (*Relatio Finalis 2015, 84*)» (AL, 299). Reparemos que, neste elenco das exclusões a rever, não se mencionam as sacramentais.

Na verdade, o Papa não dá novas normas, antes reforça as exigências de discernimento já indicadas pelos seus antecessores: «... *é compreensível que se não devia esperar do Sínodo ou desta Exortação uma nova normativa geral de tipo canónico, aplicável a todos os casos. É possível apenas um novo encorajamento e um responsável discernimento pessoal e pastoral dos casos particulares, que deveria reconhecer: uma vez que “o grau de responsabilidade não é igual em todos os casos” (Relatio Finalis 2015, 84), as consequências ou efeitos duma norma não devem necessariamente ser sempre os mesmos. Os sacerdotes têm o dever de “acompanhar as pessoas interessadas pelo caminho do discernimento segundo a doutrina da Igreja e as orientações do bispo*» (ibidem, 85)» (AL, 300).

Evitando qualquer arbitrariedade no acompanhamento pastoral dos casos concretos, em que hão de prevalecer «a humildade, a privacidade, o amor à Igreja e à sua doutrina, a busca sincera da vontade de Deus». Na verdade, «*estas atitudes são fundamentais para evitar o grave risco de mensagens*

equivocadas, como a ideia de que algum sacerdote pode conceder rapidamente “exceções”, ou de que há pessoas que podem obter privilégios sacramentais em troca de favores» (AL, 300).

O Papa Francisco retoma a já conhecida distinção entre objetividade e subjetividade, nos seguintes termos: «*Por causa dos condicionalismos ou dos fatores atenuantes, é possível que uma pessoa, no meio duma situação objetiva de pecado – mas [que] subjetivamente não seja culpável ou não o seja plenamente -, possa viver em graça de Deus, possa amar e possa também crescer na vida de graça e de caridade, recebendo para isso a ajuda da Igreja*» (AL, 305). E especifica na nota 351: «*Em certos casos, poderia haver também a ajuda dos sacramentos. Por isso “aos sacerdotes, lembro que o confessor não deve ser uma câmara de tortura, mas o lugar da misericórdia do Senhor” (Evangelii gaudium, 44). E de igual modo assinalo que a Eucaristia “não é um prémio para os perfeitos, mas um remédio generoso e um alimento para os fracos” (ibidem, 47)*».

Para compreendermos melhor o que possa acontecer no âmbito da Penitência e da Eucaristia – certamente mais vasto do que a absolvição e a comunhão propriamente ditas – atendamos, para já, ao recente conselho do Papa: «*Tenho de dizer aos confessores: falem, ouçam pacientemente e acima de tudo digam às pessoas que Deus quer o seu bem. E se o confessor não pode absolver, que explique porquê, mas que não deixe de dar uma bênção, mesmo sem absolvição sacramental. O amor de Deus também existe para quem não está disponível para receber o sacramento*» (Francisco, *O nome de Deus é Misericórdia*, Lisboa, Planeta, 2015, p. 33). Sem esquecer a possibilidade já prevista de acesso aos sacramentos por parte de recasados plenamente continentais, ou a crescente verificação da validade ou nulidade dos matrimónios, cumprindo as determinações do Código de Direito Canónico e do *Motu Proprio Mitis Iudex Dominus Iesus*, de 15 de agosto de 2015.

Concluindo: A intenção prevalecente do Papa Francisco é propor o matrimónio cristão, realmente possível com a graça divina: «*Para evitar qualquer interpretação tendenciosa, lembro que, de modo algum, deve a Igreja renunciar a propor o ideal pleno do matrimónio, o projeto de Deus em toda a sua grandeza: “É preciso encorajar os jovens batizados para não hesitarem perante a riqueza que o sacramento do Matrimónio oferece aos seus projetos de amor, com a força do apoio que recebem da graça de Cristo e da possibilidade de participar plenamente da vida da Igreja” (Relatio Synodi 2014, 26). [...] Hoje, mais importante do que uma pastoral dos falhanços é o esforço pastoral para consolidar os matrimónios e assim evitar as ruturas*» (AL, 307).

JUBILEU DA MISERICÓRDIA: CONHECIMENTO E PRÁTICA DAS OBRAS DE MISERICÓRDIA

OBRAS DE MISERICÓRDIA PROPOSTAS PARA SE VIVEREM MAIS INTENSAMENTE NO MÊS DE MAIO:

VESTIR OS QUE NÃO TÊM ROUPA

Nenhum outro santo entrou tanto na memória popular como S. Martinho de Tours por causa do manto que rasgou para dar metade a um mendigo. Esta famosa tradição da sua vida terá acontecido no inverno de 337, quando Martinho encontrou perto da posta da cidade um mendigo a tiritar de frio, ao qual deu metade da capa, porque a outra metade pertencia ao exército romano que servia. Na noite seguinte, Cristo apareceu-lhe vestido com a metade da capa dada para lhe agradecer o seu gesto. Sem dúvida, trata-se de uma realização concreta da obra de misericórdia louvada em Mt 25,36, já que S. Martinho não sabia que no pobre e mendigo se encontrava o próprio Cristo.

Na Bíblia, a nudez é negativa, tanto como fruto do pecado (cf. Gn 3,7) como condição própria de um escravo que é vendido (cf. Gn 37,23), de um encarcerado (cf. Is 20,4; Act 12,8). Com efeito, trata-se particularmente da nudez humilhada do marginal, tal como se conta no Livro de Job ao falar assim dos pobres: *«Passam a noite nus, sem roupa para se protegerem do frio. [...] Andam nus por falta de roupa e famintos»* (Job 24,7.10). Com efeito na Bíblia propõe uma atitude de compaixão para com a nudez ao aconselhar: *«Reparte [...] as tuas roupas com quem está nu»* (Tb 4,16) e louva que *«veste que está sem roupa»* (Ez 18,16) e quem *«vestir aquele que se encontra nu»* (Is 58,7). Por isso, no juízo final tal acção é vista como uma obra de misericórdia em Mt 25,36.

SUPORTAR COM PACIÊNCIA AS FRAQUEZAS DO NOSSO PRÓXIMO

A tradição sapiencial sublinhará insistentemente que, perante irmãos que irriem o sábio, a *«paciência vale mais que a valentia, e dominar-se a si mesmo vale mais do que conquistar uma cidade»* (Pr 16,32); *«com paciência se dobra um magistrado, e a língua macia pode quebrar ossos»* (Pr 25,15); e *«mais vale o fim de uma coisa do que o seu começo, e a paciência é melhor que a pretensão»* (Ecl 7,8).

Job será o paradigma de paciência, tal como se lembra que *«era uma vez um homem chamado Job, que vivia no país de Hus. Era um homem íntegro e recto, que temia a Deus e evitava o mal»* (Job 1,1)

que dizia: *«Nu saí do ventre da minha mãe e nu para ele voltarei. O Senhor tudo me deu e o Senhor tudo me tirou. Bendito seja o nome do Senhor»* (Job 1,21). Na Carta de S. Tiago falar-se-á da famosa *«paciência de Job»*, precisando que é expressão da misericórdia do Senhor: *«Nós consideramos felizes os que foram perseverantes, Ouvistes falar da constância de Job e conhecestes o fim que o Senhor lhe reservou, porque o Senhor é rico em compaixão e misericórdia»* (Tg 5,11).

Por seu lado, a imitação da paciência de Jesus sublinha que, longe de ser implacável com os pecadores, era tolerante, porque *«o pai que está no céu faz nascer o sol sobre maus e bons»* (Mt 5,45). Esta paciência, tal como o amor, é um *«fruto do Espírito»* (Gl 5,22; cf. 1Cor 10,13). Por isso, o hino paulino do amor proclamará que *«o amor é paciente»* e que *«tudo suporta»* (1Cor 13,1.13.4.7).

Neste contexto, deve ter-se presente que *«a paciência é uma arte»* (L. Manicardi). Com efeito, é-o por suportar pacientemente, de forma livre e amorosa uma relação com quem é talvez enfadonho, antipático, aborrecido, lento, desleixado, já que tudo isto está em linha com o amor do inimigo (cf. Mt 5,38-48; Lc 6,27-35). E, por sua vez, é-o quando tal atitude propicia uma reflexão sobre si mesmo para descobrir em nós aquilo que também é perturbador e insuportável para nós mesmos, e que o pode ser também para os outros, já que Deus em Cristo nos suportou pacientemente amando-nos de forma incondicional, recordando: *«Sede bons e compreensivos uns para com os outros, perdando-vos mutuamente, assim como Deus vos perdoou em Cristo»* (Ef 4,32).



ENCONTRO DE JOVENS DA ORDEM DO CARMO: ABRIL DE 2016

Uma das Prioridades da Ordem do Carmo em Portugal é a dimensão do Ministério Vocacional. Este Ministério – Serviço entende-se em dois sentidos: **A)** Promover o discernimento vocacional de futuros confrades da Ordem; **B)** A partir da espiritualidade carmelita, ajudar os jovens a descobrir a vocação a que cada um é chamado.

Foi para concretizar este segundo aspeto que a Ordem do Carmo organizou, em Fátima, de 23 a 25 de Abril, um encontro para jovens. O tema que presidiu a este encontro foi: "Acredito?". A base de qualquer chamamento é a relação com Deus que nasce da Fé e se desenvolve na Oração e na Fraternidade. Daí, a escolha deste tema para orientar o encontro.

O encontro começou com uma breve apresentação sobre os traços mais significativos da espiritualidade e da história da Ordem do Carmo. Seguiu-se um breve tempo de reflexão sobre esta apresentação que conclui com a partilha da Oração da Tarde.

No Domingo, e para nos colocarmos em sintonia com a Vida da Igreja, falamos do Ano da Misericórdia, passamos a porta da Misericórdia na Igreja da Santíssima Trindade e integramo-nos nas Celebrações do Santuário. Da parte da tarde, vimos o filme "Deus não está Morto". Daqui, partimos para uma reflexão mais profunda sobre as razões para Acreditar, as dificuldades em Acreditar e os porquês da Humanidade, sobretudo do ocidente, viverem como e Deus estivesse ausente.

Como compromisso para tornar Deus mais presente na sociedade, os jovens participantes identificaram os "areópagos" em que Deus está mais ausente e partilharam a forma de inverter

esse diagnóstico. A reflexão de cada um foi partilhada numa caminhada noturna pela Via Sacra dos Valinhos. Foi um momento muito intenso e de notória interioridade.

No dia 25, depois da Oração da Manhã, os jovens participantes, foram convidados a ver o Documentário "O Chamamento" sobre três jovens chamados a uma vocação consagrada na Igreja. Seguiu-se um diálogo sobre estas vocações, as questões que colocam e sobre o sentido de, como seres humanos e como cristãos, todos nos sermos vocacionados.

O Encontro terminou com a celebração da Eucaristia, presidida pelo rei Ricardo Rainho, Comissário-Geral da Ordem do Carmo. Participaram neste encontro 14 jovens. Ficou o compromisso de realizarmos mais destes encontros. No final do encontro, todos sentimos que a Fé e a Espiritualidade estão bem presentes na vida de cada um e que há uma sede de Deus que precisa de ser saciada.

Agradecemos a Deus e a Nossa Senhora do Carmo esta oportunidade de partilharmos a nossa vida de Oração e de Fraternidade.



REVISTA FAMÍLIA CARMELITA

A revista **FAMÍLIA CARMELITA** é editada pelo Comissariado da Ordem do Carmo em Portugal e pretende divulgar o Carisma e a Espiritualidade Carmelitas. Já airam alguns números. Seja assinante desta Revista. Caso pretenda receber avulso, fale com os responsáveis pastorais da paróquia. Cada número custa 2 euros. São 4 números anuais. Para se tornar assinante ou pedir algum dos números anteriores, contacte:

REVISTA "FAMÍLIA CARMELITA"

Centro de Estudos da Ordem do Carmo
Rua de Santa Isabel, 128-130 – 1250-208 LISBOA

TELEF. (+351) 213 875 179

E-MAIL: familiacarmelita.revista@gmail.com

